

o papel de Fernando Pessoa no filme de João Botelho intitulado *Conversa Acabada*, em que o papel de Sá Carneiro era desempenhado por André Gomes.

É o próprio Pessoa quem dá a conhecer a obra do amigo após sua morte. Depois, foi aos jovens poetas da revista *Presença* que coube a passagem do testemunho, em 1937. As edições Ática, que começaram em 1942 a publicação das obras de Pessoa, iniciaram em 1945 a das obras de Sá-Carneiro. O primeiro estudo importante é o de Maria Aliete Galhoz, de 1963. Os melhores conhecedores de Sá-Carneiro são hoje Marina Tavares Dias e o professor francês François Castex. O apego do poeta a Paris, constantemente presente em sua obra, é recordado por placas comemorativas: no Café de la Paix, no boulevard des Italiens, que ele freqüentava assiduamente, e no Hotel de Nice, na rue Victor Massé, na parte baixa de Montmartre, onde se matou, em 26 de abril de 1926. Sá-Carneiro pôs na boca de uma de suas personagens, o poeta Ricardo, esta declaração de amor a Paris: "Paris! Paris!", exclamava o poeta. "Porque o amo eu tanto? Não sei... [...] Paris! Como eu amo as suas ruas, as suas praças, as suas avenidas! [...] De Paris, amo tudo com igual amor: os seus monumentos, os seus teatros, os seus bulevares, os seus jardins, as suas árvores... Tudo nele me é heráldico, me é litúrgico."² E é o mesmo Ricardo que explica ao amigo Lúcio sua terrível dificuldade de ser: "E nem mesmo cheguei a entrar nunca na vida, na simples Vida com V grande — na vida social, se prefere. É curioso: sou um isolado que conhece meio mundo, um desclassificado que não tem uma dívida, uma nódoa — que todos consideram e que entretanto em parte alguma é admitido... [...] Com efeito, nunca me vi 'admitido' em parte alguma. Nos próprios meios onde me tenho embrenhado, não sei porquê senti-me sempre um estranho... [...] De maneira alguma me concebo na minha velhice, bem como de nenhuma forma me vejo doente, agonizante. Nem sequer suicidado [...]. E creia, é tão grande a minha confiança nesta superstição que — juro-lhe — se não fôsse haver a certeza absoluta de que todos morremos, eu, não me 'vendo' morto, não acreditaria na minha morte..."³ Essas linhas foram escritas em setembro de 1913, um ano após o encontro com Pessoa, dois anos e meio antes da

²A *Confissão de Lúcio*, ed. Ática, Lisboa, pp. 56-57.

³*Ibid.*, pp. 49-50.

"Apoteose" (este é o título de um poema expressionista de 1915), que termina com uma série de onomatopéias gritadas pelo poeta em sua loucura: "Zing-tang... Zing-tang... Tang... Tang... Tang... Prá á KK!..."⁴

Mário de Sá-Carneiro, dois anos mais novo que Pessoa, nasceu em Lisboa, em 19 de maio de 1890, num bairro "bom" da cidade, de pai e mãe pertencentes à burguesia. Órfão de mãe, é educado na quinta dos avós paternos por um jovem pai algo extravagante, quase sempre em viagem, e por uma ama igualmente jovem. Aos sete anos, quando o pai se fixa mais, sua vida é partilhada entre a cidade e o campo. Começa a escrever, com nove anos, pequenas peças de teatro, que encena e desempenha na quinta com os criados. Aos dez anos entra para o liceu, em Lisboa. Aos doze começa a escrever poemas. Em agosto de 1904 o pai o leva pela primeira vez numa viagem e lhe mostra Paris. Ficam no Grand Hôtel (em cima do Café de la Paix). Depois, pai e filho vão tomar banho de mar em Trouville, e daí partem para Lucerna. Atravessam a Suíça e a Itália, fazendo escala em Veneza, em Roma, depois em Nápoles. De volta a Lisboa, em dezembro, Sá-Carneiro edita com colegas do liceu, pago pelo pai ou talvez pelo avô, um jornal satírico, *O Chinó*, que Carlos Augusto, o pai, manda retirar de circulação, com receio da reação dos professores que nele eram ridicularizados. Lê muito, sobretudo os escritores franceses e alemães do século XIX. Traduz Victor Hugo... e Déroulède, Goethe, Heine e Schiller. Continua a escrever, em prosa e em verso. Faz parte de uma companhia de teatro que representa comédias, entre as quais uma de sua autoria, com o pseudônimo de Sirconera, que lhe é o anagrama do nome. Em 1907 passa de novo férias em Paris com o pai. Publica poemas e contos na revista *Azulejos*.

Escritor precoce, está contudo muito atrasado nos estudos, devido às faltas. Só em 1910, com vinte anos, é que entra para o último ano (7º ano) do Liceu Camões. Trava amizade com Thomaz Cabreira Junior, quatro anos mais novo que ele. Escrevem juntos uma peça de teatro, *Amizade*. Em 9 de janeiro de 1911 Thomaz mete uma bala na cabeça, nos degraus da escadaria do liceu. Alguns meses depois Mário escreve um poema à memória do amigo, *A Um Suicida*. No início do ano letivo seguinte inscreve-se na Faculdade de Direito da

⁴*Obra Poética Completa — 1903-1916*, org. António Quadros, Publ. Europa-América, p. 247.